

A ABORDAGEM PSICOSSOCIAL DO AMBIENTE E O RECONHECIMENTO DO QUINTAL URBANO NO CONTEXTO DO USO DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC)

Carla Karoline Gomes Dutra Borges ¹
Danielle Portela de Almeida ²

RESUMO

A temática da abordagem psicossocial do ambiente, ganha notoriedade de forma exponencial através de estudos recentes que trazem a influência direta do lugar na vida do ser humano. Estudos se estendem de residências a hospitais, ambos com influência na saúde mental do habitante/paciente se dispostos de forma que o indivíduo possa se reconhecer naquele ambiente. Neste contexto, os quintais urbanos trazem consigo a força que possuem na missão de reconectar o ser humano ao meio ambiente, através de sua diversidade florística que proporciona a possibilidade de ornamentação, tratamento de doenças e ademais, servem como fonte alimentar alternativa. Neste último item, a fonte alimentar alternativa, surgem as PANC como fonte alimentar, que se opõe a uma alimentação homogênea e monótona, que os seres humanos têm desfrutado nos últimos anos. A presente revisão bibliográfica objetiva estabelecer através de um breve diálogo teórico, as premissas que regem a abordagem psicossocial do ambiente e como os quintais podem ser reconhecidos no contexto do uso das PANC como fonte alimentar alternativa.

Palavras-chave: PANC, Alimentação, Reconhecimento, Quintais.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, o uso do meio ambiente para suprir as necessidades humanas são evidentes. Porém, atualmente, esse uso tem se tornado exacerbado, descontrolado e sem projeções para um futuro não tão distante. Diante disto surge a pergunta: A quem se deve isso? Esta é uma pergunta não tão simples de responder, uma vez que as multicausas são inúmeras, porém, uma coisa é certa, a falta de sentimento de pertencimento do ser humano ao meio que o cerca é um fator decisivo para cuidar ou destruir de forma abrupta a tão sensível natureza. Neste cenário, dialogar sobre a temática da abordagem psicossocial do ambiente é fundamental, ora, o indivíduo para se sentir

¹ Doutoranda da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, carlaborges.am@gmail.com;

² Doutoranda da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, danielle.portela@yahoo.com.br;

parte integrante de onde habita, sente a necessidade de modificá-lo para que se sinta no ‘*oikos*’ ou seja, “em casa”.

Construir casas, habitá-las, organizar o espaço em que denomina “seu” é inerente dos seres vivos já que: pássaros constroem seus ninhos, tatus fazem suas tocas, o Pica-Pau faz sua morada em troncos de árvores, e o ser humano constrói casas, delimita seu perímetro intocável por outros seres de sua espécie ou não, através de paredes, muros ou mesmo cercas. Para Ittelson (et al., 2005, p. 1): “Quando os homens constroem casas, eles criam não só um ambiente físico, mas também um ambiente psicológico de significados, um mundo simbólico que reforça um esquema particular de gostos e valores”.

Esse reconhecimento psicossocial do *lugar*, é algo mais comum do que imaginamos, certamente é pouco falado, porém, é tão forte quanto o medo que sentimos quando estamos em um lugar que não conhecemos ou nunca vimos antes. A casa é o lugar de segurança, tranquilidade, interação e principalmente de reconhecimento, é onde realmente pode-se perceber o ser humano em sua essência, a partir da disposição de objetos, móveis e o uso do próprio espaço interno ou externo. Com isso a área externa das casas, residências ou moradias humanas, estão dotadas de diversas experiências, dentre elas podemos citar a mais prazerosa que todas que são os quintais. Segundo Machado e Boscolo (2018, p. 28) “Os quintais se caracterizam por serem locais associados às casas onde árvores, arbustos, ervas e outras fontes biológicas crescem juntamente com plantas de cultivo e animais domésticos”.

Os quintais carregam consigo uma riqueza imensurável quando estes se encontram em forma não cultivada e lhes é permitido o desabrochar da natureza em sua forma mais natural possível. Neste contexto do desabrochar, surgem as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), que para Kinnup e Lorenzi (2014) “As PANC fazem parte da agrobiodiversidade encontrada em quintais, e são caracterizadas por possuir em uma ou mais partes alimentícias e que não são comumente consumidas ou reconhecidas pela população”.

Quanta riqueza o ser humano possui a sua disposição em seu próprio quintal, no entanto, essa riqueza é tão desconhecida, e faz assim, com que muitas vezes o ser humano fique enredado a uma dieta homogênea, monótona e de alto custo, o que nem sempre lhe é permitido pelos preços exorbitantes. O reconhecimento do seu próprio quintal, poderia lhe oferecer primariamente uma reconexão com seu *lugar*, sua casa e seu meio que o cerca. Corroborando conosco Fonseca (et al., 2018, p. 1) afirma: “Resgatar e dar

visibilidade as Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC significa promover a reconexão das pessoas com o local em que vivem e fortalecer os sistemas de produção”.

Ao analisar o cenário evidenciado acima, objetiva-se a partir deste manuscrito, discutir as possibilidades de reconhecimento do quintal urbano, no contexto do uso das Plantas Alimentícias Não Convencionais a partir de uma abordagem psicossocial do *lugar* no qual o ser humano está inserido, envolto e pertencente.

1. O QUE É A ABORDAGEM PSICOSSOCIAL DO AMBIENTE?

A abordagem psicossocial do ambiente está relacionada principalmente a forma como o ser humano reconhece esse lugar e como se comporta perante ele. As atitudes, valores e crenças sobre o ambiente, e como este exerce influência sobre os seres vivos está em constante mudança, sendo assim, este é ressignificado de acordo com a noção de cuidado e respeito pertinente a cada indivíduo. Colabora conosco com sua fala Moser (1998, p. 121) dizendo: “As dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente ao ambiente. Cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social”.

A responsabilidade requerida do ser humano, surge a partir da inquietação do que realmente está sendo feito com ele (ambiente), e como estamos racionalizando os impactos causados por nossas próprias atitudes, as quais, estão imbuídas em nosso inconsciente e certamente foram construídas ao longo do tempo por experiências e vivências individuais e coletivas. Por isso, Santos (2020, apud FERREIRA e PONTES, 2020, p. 1) dizem que: “A psicologia ambiental se constitui a partir da crescente inquietação das ciências naturais no que se refere aos problemas ambientais e a responsabilidade do ser humano nesse contexto [...]”.

O ser humano é influenciado pelo ambiente, isso é evidente, essa influência constrói o contexto psicossocial no qual o ser humano imerge de forma completa, com isso, a identidade de lugar é construída, onde o ser humano se identifica e se sente pertencente. Corroborando dizem Günther (et al., 2003, p. 300) que “Identidade de lugar é portanto, uma estrutura complexa constituída por atitudes, valores, crenças e significados referente à relação psicológica que estabelecemos com os espaços físicos”.

O bibelô que está na estante, o armário posicionado ao lado do aparador, os retratos sobre a parede, do vaso de planta na janela, até a muda de planta que está no quintal, são partes integrantes do ser vivente que habita ali, e constitui de forma direta a abordagem psicossocial do ambiente daquele ser humano, onde ele se ‘encontra’ em cada pedaço daquele lugar e saberia descrevê-lo a quilômetros de distância dali, e jamais se sentiria tão confortável no hotel mais luxuoso do mundo que não contivesse sua cama quentinha e aninhada para si. Porém, para Ittelson (et al., 2005, p. 2): “O mundo não-natural, construído pelo homem, que tomou o lugar da ‘natureza’ como contexto de nossas vidas diárias está separando o ser humano de muito de seu passado biológico”.

O passado biológico mencionado por Ittelson (2005) converge com o ponto de vista de Ferreira e Pontes (2020, p. 3) onde complementam dizendo que:

“É essencial a contribuição da psicologia (ambiental) diante das questões ambientais, e esta tem desafio de auxiliar no despertar de uma consciência ecológica, considerando as variáveis sociais e ambientais, bem como, promover uma nova conexão do homem com a natureza, e que nessa conformidade, adote práticas mais sustentáveis”.

Essa reconexão com a natureza é o objetivo da leitura psicossocial do ambiente, onde, outrora, quando o ser humano consegue se reconhecer como parte integrante, e não distante do que realmente o cerca, esse objetivo é concretizado à partir de ações diretas e não indissolúveis, mas sim, reforçadas pela psicologia do ambiente que está imbricado e atrelado a uma ressignificação social daquele indivíduo, por isso não há lugar melhor para promover essa reconexão com o ambiente do que os quintais urbanos, que será o próximo tópico de nosso diálogo.

2. QUINTAIS URBANOS: RECONHECIMENTO E USO

Os quintais trazem consigo história, sensações, sentimentos e ademais, delimitam o espaço pertencente a cada ser humano. Também são detentores de variabilidade genética, configurando-se assim como bancos de germoplasma ativos familiares, além de terem uma riqueza de sabores inestimável, quando estes preservados em sua integridade florística. Para Siviero (2011, p. 550):

“Os quintais urbanos podem ser considerados como sistemas agroflorestais que desempenham função ecológica, conservam alta diversidade de plantas na sua composição, asseguram variabilidade genética, constituindo importantes bancos de germoplasma, representando sistemas sustentáveis com maior resistência a doenças, pragas e adaptabilidade”.

O uso dos quintais urbanos tem crescido de forma rápida, uma vez que a necessidade de plantio de espécies para fins ornamentais, medicinais e alimentícios estão se tornando essenciais, para a manutenção da própria família ou até mesmo da comunidade em que as famílias estão inseridas. Siviero (2011, p. 550) diz que: “A cada dia se observa um aumento no uso agrícola de área nos quintais domésticos e hortas comunitárias urbanas, notadamente nas zonas periféricas das grandes e médias cidades, para a produção de alimentos”.

A Etnobotânica é a área que está inserida no campo da Etnobiologia que estuda a inter-relação entre as pessoas provenientes de diferentes culturas e como estas se relacionam com as plantas do seu meio/localidade, com isso, este campo de estudo está ligado diretamente ao cultivo de espécies ocorrentes em quintais para as mais diversas funções e atribuições. Os quintais urbanos desempenham um papel crucial na reconexão do homem com o ambiente, para isso Machado e Boscolo (2018, p. 28) dizem assim: “Os quintais se caracterizam por serem locais associados às casas onde árvores, arbustos, ervas e outras formas biológicas crescem juntamente com plantas de cultivo e animais domésticos”. Porém os mesmos quintais estão sofrendo uma grande supressão causada pelo crescimento desordenado das grandes cidades, o que causa uma incerteza, quanto ao que ainda resta de recursos florísticos disponíveis e existentes em área urbana.

A fala de Eichemberg (et al., 2009) colabora ao dizer que: “O uso destes espaços, ou mesmo sua existência, sofre com ameaças crescentes nas cidades, como a disputa pelo uso do solo urbano, a especulação imobiliária e as transformações estruturais que as cidades vivenciam em decorrência de seu crescimento”. A perda destes espaços ou sua substituição simultânea, acarreta em perda significativa de espécies com alto teor nutricional, potencial medicamentoso e ademais a própria história da comunidade na qual esta se encontra inserida. Galluzi (et al., 2010) diz que estudos realizados em quintais urbanos e rurais de vários países reportam altos níveis de diversidade genética de plantas interespecífica e intraespecífica, notadamente, de variedades de culturas tradicionais e crioulas que estão sendo conservadas nestes ambientes.

Com isso, a importância do reconhecimento dos quintais como parte integrante do círculo do ser humano é primordial, para sua reconexão com a natureza e principalmente para a manutenção da alimentação das famílias que o detém e precisam dele como fonte de recursos genéticos necessários e primordiais para a manutenção da saúde de seus componentes.

3. QUEM SÃO AS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC)?

Hoje em dia, tem-se estudado de forma significativa como a florística natural pode influenciar de forma positiva na vida do ser humano, para tanto, pesquisas têm sido realizadas de forma a saber como estas contribuem na função medicinal, psicológica e principalmente alimentar. Nunca a diversidade florística fez parte do cotidiano do indivíduo como o faz atualmente. Neste cenário surgem as Plantas Alimentícias Não Convencionais as PANC. Mas a pergunta que é preciso responder de forma clara é: “Quem são as PANC?”. Para Jacob (2020, p. 3):

“PANC são definidas como aquelas plantas com potencial sub - explorado para contribuir com a Segurança Alimentar e Nutricional, saúde e nutrição, geração de renda e integridade ambiental. Sua definição depende de aspectos geográficos, sociais, econômicos e temporais e inclui uma ampla gama de alimentos selvagens, tradicionais, indígenas e locais, PANC são plantas alimentícias exóticas ou nativas, que não são facilmente reconhecidas ou acessíveis para compra para dada população”.

Muitos autores divergem em conceituar as PANC de forma coletiva, porém a maioria concorda que estas plantas podem ser uma das soluções para atingir a soberania alimentar tão sonhada, porém pelo desconhecimento da população de uma forma geral as PANC sofrem constantemente as ações do desconhecimento humano, que é tentar exterminá-las por serem consideradas, invasoras, inócuas e sem nenhuma utilidade. Terra e Vieira (2019, p. 112) colaboram dizendo:

“Diversas plantas são consideradas invasoras e até nocivas, pelo fato de ocorrerem entre plantas cultivadas ou em outros lugares considerados inadequados. Estas plantas são controladas com enxadas, tratores, pisoteio e

herbicidas, objetivando a inibição do seu crescimento e a erradicação definitiva. Entretanto, muitas destas espécies vegetais de crescimento espontâneo possuem importância cultural, ecológica e econômica, podendo algumas serem consideradas como alimentícias”.

O uso da PANC como forma de alimentação alternativa é uma realidade, trabalhar o conhecimento da população de uma forma geral se faz necessário, ora, algo só pode ser utilizado se for conhecido, e principalmente comunicado por alguém que passe confiança, desta mesma forma, é que as plantas medicinais se reafirmam no cotidiano dos seres humanos. Para Terra e Ferreira (2020, p. 222) “[...] as PANC possuem uma variabilidade genética que proporciona maior rusticidade, germinando desde hortas domésticas até em campo nativo”. Sendo assim, os quintais urbanos guardam consigo esse banco de germoplasma vivo em seu interior, porém, o desconhecimento compromete essa riqueza genética que está à nossa disposição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como as pessoas têm se organizado frente aos lugares que a cercam, ou seja, suas próprias moradias, as fazem se sentirem longe do meio ambiente a que pertencem, pois, tudo é preparado para o máximo conforto e no fim tudo o que se busca é um lugar tranquilo no qual possam simplesmente tocar chão de terra com os pés para se reconectar à natureza. Os quintais urbanos trazem inúmeros benefícios aos seres humanos, dentre eles o da alimentação. O não conhecimento de espécies que se encontram na forma de inços, fazem com que muitas espécies altamente proteicas, que poderiam servir de alimento a muitas famílias que precisam de uma complementação nutricional adequada, sejam extirpadas dos quintais sem conhecimento prévio algum sobre a sua funcionalidade. O conhecimento é a chave para muitas dúvidas, e com a disseminação desse conhecimento sobre a funcionalidade das PANC por meio das mídias, redes sociais, folhetos, livros, dissertações, teses entre tantos recursos, o índice de desconhecimento e referência sobre as espécies pode ter esse quadro revertido, uma vez que o conhecido é seguro e confiável, principalmente quando se é indicado por outra pessoa, que reconhece as PANC como medida de minimização dos impactos causados pela subnutrição, além de

poder auxiliar na reconexão do indivíduo com a natureza em seu próprio quintal, através do plantio, cuidado e manejo das espécies pré-existentes.

AGRADECIMENTOS

A universidade Federal do Amazonas – UFAM

REFERÊNCIAS

EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M.; MOURA, L. C. *Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil*. **Revista Acta Botânica Brasílica**, v. 23, n. 4, p. 1057 – 1075, 2009.

FERREIRA, A. C.; PONTES, A. N. Interdisciplinaridade na Psicologia Ambiental na Interrelação homem natureza. **Revista Research, Society and Development**, v.9, n.11, p. 1 – 13, 2020.

FONSECA, C. et al. A importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) para a sustentabilidade dos sistemas de produção de base ecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v.13, 2018. Apresentado no VI Congresso Latino – Americano, n.1, 2018.

GÜNTHER, I. A.; NEPOMUCENO, G. M.; SPEHAR, M. C.; GÜNTHER, H. Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. **Revista Estudos de Psicologia**, v.8, n.2, p. 299 – 308, 2003.

ITTELSON, W. H.; PROSHANSKY, L. G.; RIVLIN, L. G.; WINKEL, G. H. Homem Ambiental. **Textos de Psicologia Ambiental**, Universidade de Brasília, n.14, p. 1 – 9, 2005.

JACOB, M. C. M. Biodiversidade de Plantas Alimentícias Não Convencionais em uma horta comunitária com fins educativos. **Revista DEMETRA**, Rio de Janeiro, v.15, p. 1 – 17, jan. 2020.

KINNUP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. Nova Odessa: Plantarum, 2014. 768 p.

MACHADO, C. C.; BOSCOLO, O. H. Plantas alimentícias não convencionais em quintais da comunidade da Fazendinha, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v.16, n.1, p. 28 – 36, jan./mar. 2018.

MOSER, G. Psicologia Ambiental. **Revista Estudos de Psicologia**, v.3, n.1, p. 121 – 130, 1998.

SIVIERO, A. et al. Cultivo de Espécies Alimentares em Quintais Urbanos de Rio Branco, Acre, Brasil. **Revista Acta Botânica Brasílica**, v.25, n.3, p. 549 – 556, 2011.



TERRA, S. B.; FERREIRA, B. P. Conhecimento de plantas alimentícias não convencionais em assentamentos rurais. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Paraíba, v.15, n.2, p. 221 – 228, abr./jun. 2020.

TERRA, S. B.; VIEIRA, C. T. R. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs): levantamento em zonas urbanas de Santana do Livramento, RS. **Revista Ambiente Guarapuava**, Paraná, v.15, n.1, p. 112 – 130, jan./abr. 2019.